

# INTERVENÇÃO DE EMERGÊNCIA EFECTUADA NO LUGAR DE FONTELA DE FIGUEIRIDO, SARDOURA, CASTELO DE PAIVA (RELATÓRIO DE 1988/89)

## 0. INTRODUÇÃO

Foi recebido, no Serviço Regional de Arqueologia da Zona Centro, com data de 23-02-88, um officio enviado pelo Presidente da Associação de Estudo e Defesa do Património de Castelo de Paiva, o qual alerta para o aparecimento de fragmentos cerâmicos, aquando dos trabalhos de terraplanagem efectuados no sopé da encosta de um monte, em Fontela de Figueirido. Estes trabalhos destinavam-se à preparação do terreno, com vista à construção de uma moradia.

Os fragmentos cerâmicos recuperados durante a terraplanagem, como aparentavam pertencer a um só vaso, foram enviados para o Museu Monográfico de Conimbriga, para que se procedesse ao seu restauro.

Face a esta situação foi decidido proceder-se a uma intervenção de emergência, a qual contou com apoio da Câmara Municipal de Castelo de Paiva.

A escavação efectuou-se em dois períodos, tendo o primeiro decorrido de 19 a 22 de Dezembro de 1988, e o segundo de 5 a 9 de Fevereiro de 1989.

Na primeira campanha colaboram os alunos finalistas do Curso de História da Universidade Portucalense, Manuel Saleiro Barros e Alexandre Correia; e na segunda os licenciados em História e professores do Ensino Secundário, Pedro Sobral de Carvalho e Luís Filipe Gomes.

## 1. LOCALIZAÇÃO

### 1.1. Administrativa

Freguesia — Sardoura; Concelho — Castelo de Paiva; Distrito — Aveiro; Lugar — Fontela de Figueirido; Microtopónimo — Fontela.

### 1.2 Coordenadas Geográficas

Latitude — 41° 03' 34" N; Longitude 08° 18' 25" W G. Altitude média — 100 metros.

### 1.3 Cartografia

Carta Militar de Portugal, 1/25 000, fl. nº 135 (Castelo de Paiva), Ed. 2 — S.C.E., 1979.  
Carta Geológica de Portugal — Serviço Geológicos, 1/50 000, fl. 13 — B (Castelo de Paiva) de 1963.

## 1.4. Propriedade

Privada. O terreno pertence ao Sr. José Pinto, morador em Fontela.

## 2. GEOMORFOLOGIA

O local da intervenção, onde se implanta a casa, situa-se no sopé da encosta de um monte que tem, em posição fronteira, um castro (Monte Crasto). Há espólio recolhido nesse castro que se encontra depositado na Quinta do Pedregal. Entre as várias peças é de referir a existência de uma «pedra formosa».

Os terrenos em redor da estação desenvolvem – se por Monte Paúl, que fica marginal ao rio Douro, e por Monte Paúl, que fica marginal ao rio Douro, e por Monte de S. Gens, que fica situado no lado oposto.

As elevações do Alto de S. Paúl e Alto de S. Gens (com 328 m de altitude no v.g. do mesmo nome) na margem esquerda do Douro, são constituídas por rochas quartzíticas, continuação das cristas do ramo oriental, que aí são interrompidas pelo granito porfiróide de Castelo de Paiva. Tanto a zona de Fontela como a de Monte Castro inserem-se já na faixa granítica, que aqui não é porfiróide.

## 3. ESCAVAÇÃO

### 3.1. Limpeza

A área a ser intervencionada encontrava – se coberta de mato e de grandes pedregulhos. Os trabalhadores cedidos pela C.M. de Castelo de Paiva, não só limparam a zona circundante da casa (sectores A e B), mas também os taludes dos dois caminhos que lhe ficam acima. A densidade da vegetação não permitia visualizar se existiam aí mais fossas. Após a limpeza, verificou-se que não, assim como numa faixa de terreno de 2,5 m de largura, sobre o talude acima do caminho que sobre para o monte.

Antes da limpeza parecia existirem mais fossas nas paredes dos taludes dos dois caminhos. Após a mesma, verificou-se as manchas aí existentes eram resultantes dos negativos de raízes de árvores que tinham sido arrancadas, possivelmente há já muito tempo.

O topógrafo da Câmara fez o levantamento da área e a implantação de dois eixos ortogonais, N/S e E/W (centrados no sector A) para orientação dos trabalhos. No entanto, para fazer a quadrícula do desenho optou-se pela orientação dos muros da casa, visto ser mais racional.

Após a limpeza dos sectores A e B verificou-se que havia espaço entre as paredes da casa (cuja altura era ligeiramente superior à das plataformas) e os cortes no saibro do talude, para permitir fazer o desenho dos perfis das fossas cortadas pela terraplanagem, havendo uma em cada sector.

### 3.2. As fossas

Após o nivelamento possível do terreno nos sectores A e B, retirou-se a camada vegetal até ao saibro. Esta camada era completamente estéril. Não continha qualquer material arqueológico. No sector A começou a ser visível o contorno da parte superior do que restava da fossa 1. Só na 2ª fase se alargou escavação até à fossa 6, detectada por um tufo de vegetação.

No sector B, bastante mais desnivelado que o A, havia um grande número de blocos de granito que acompanhavam a descida do terreno o que, na 1ª fase de escavação, só permitiu a

abertura de uma faixa de 1,28 m de largura. Aí, além do contorno da abertura da fossa 2 (já desenhada, em perfil, no corte), começaram a ser visíveis mais três fossas, sendo uma delas (fossa 4) aproximadamente circular e as outras duas (fossas 3 e 5) de formas irregulares, principalmente a fossa 3. Só na 2ª fase de escavação foi possível completar os contornos destas duas fossas, com o alargamento da faixa de escavação em mais 1,60 m depois da remoção dos blocos de granito.

Terminada a limpeza até ao saibro dos sectores A e B e após os desenhos em planta, deu-se início a escavação das fossas.

### 3.2.1. Fossa 1

Escavou-se metade do que restava da fossa 1 para se obter uma estratigrafia do enchimento, perpendicular ao corte.

A primeira camada, com uma espessura de cerca de 35 cm, no centro, era constituída por terra vegetal com muitas raízes. Tinha, no entanto, mais ou menos a 20 cm da superfície uma «lingueta» de saibro que formava uma espécie de «prateleira» (isto foi confirmado quando, após o desenho da estratigrafia, se procedeu à escavação completa do que restava da fossa).

A segunda camada, com cerca de 20 cm de espessura, no centro, tinha também bastantes raízes, mas já era mais compacta que a anterior.

A terceira e última camada era constituída por uma terra castanho – amarelada, muito compacta. Tinha, perto do fundo, um conjunto de 5 pedras de pequeno tamanho (cerca de 10-12 cm), junto da parede N/NW.

O espólio exumado nesta fossa resumiu-se a alguns fragmentos cerâmicos grosseiros e sem decoração, excepto um deles que tinha um mamilo alongado.

Retiraram-se, ainda, alguns carvões, que pensamos não serem suficientes para se fazer uma análise de C14.

Como se encontravam bastantes espalhados, fez-se a primeira recolha entre os 20 e os 55 cm de profundidade, abrangendo as camadas 1 e 2.

Fez-se outra recolha proveniente só da última camada.

Na primeira fase de escavação, esta foi a única fossa a ser escavada integralmente.

É de referir que os fragmentos cerâmicos que se encontravam em Conimbriga, para restauro, eram provenientes da parte destruída desta fossa.

Estes permitiram a reconstituição de um vaso de fundo plano, de forma aproximadamente troncocónica até cerca de 10 cm do bordo, altura em que começa a inflectir, formando um colo ligeiramente estrangulado e terminando num bordo alongado exteriormente.

A zona em que o vaso começa a inflectir é decorada por um conjunto de 6 mamilos, distribuídos regularmente à sua volta.

As suas medidas (aproximadas) são as seguintes:

Diâmetro de bordo — 25 cm; diâmetro de colo — 23,4 cm; diâmetro máximo do vaso — 27 cm; diâmetro de fundo — 23 cm; altura máxima — 41,6 cm.

É de feitura manual e a sua pasta é pouco depurada e apresenta um desengordurante grosseiro, constituído essencialmente por grãos de quartzo e palhetas de mica. É, no entanto, bastante resistente e pouco friável.

A sua superfície está bastante degradada devido à acidez do terreno. A sua cor exterior é alaranjada, sendo o interior bege, até perto do fundo, onde se torna preta, devido a vestígios de fogo. As cores das fracturas também variam, não só devido ao tipo de cozedura, mas também, possivelmente, devido à utilização que lhe foi dada.

É de assinalar a semelhança entre este vaso e outro aparecido durante as escavações efectuadas no povoado do Monte Calvo, Serra da Aboboreira, pelo Dr. Huet Bacelar Gonçalves. Trata-se de um povoado com fossas abertas no saibro, de que já foi publicada uma notícia preliminar (GONÇALVES 1981: 77). Espera-se para breve a publicação definitiva dos resultados.

### 3.2.2. Fossa 2

Para esta fossa utilizou-se a mesma metodologia de escavação da fossa 1.

O seu enchimento compreendia quatro camadas.

A primeira era constituída por terra escura e fofa. Da sua superfície foram retirados dois pequenos fragmentos de bordo, sendo um deles decorado com duas caneluras horizontais; o outro apresentava um arranque de asa a cerca de 1 cm do bordo.

A segunda camada era constituída por terra compacta castanha amarela, a terceira por terra compacta com grãos de quartzo e a quarta por terra semelhante à camada 2, mas mais compacta e mais escura.

Nesta primeira fase de escavação foram recolhidos diversos fragmentos cerâmicos, grosseiros e sem decoração.

Entre os vários fragmentos cerâmicos recolhidos, dois deles, um bordo e um fundo que, em princípio, não teriam relação um com o outro, após termos visto o vaso restaurado em Conimbriga, proveniente da fossa 1, somos levados a pensar que os mesmos pertenceriam a um vaso semelhante a esse, quer nas dimensões, quer na forma.

Não se recolheram carvões, pois os fragmentos eram muito pequenos e esparsos.

### 3.2.3. Fossa 4

Esta fossa revelou-se estéril. Com um diâmetro de cerca de 70 cm e uma profundidade de cerca de 26 cm, o seu enchimento era constituído por uma só camada de terra castanha amarelada compacta. Da sua superfície foi recolhido um fragmento de asa, que nos parece ser de época tardia, devido à textura da sua pasta.

### 3.2.4. Fossa 5

A configuração desta fossa assemelhava-se a um «canal» com as extremidades arredondadas, cujo eixo media cerca de 1,60 m. Tal como as outras fossas, com excepção da 1, só na segunda fase de escavação é que foi totalmente escavada e desenhada em planta e corte. Tinha pouca profundidade, cerca de 20 cm, e o seu enchimento era constituído por duas camadas: uma de terra vegetal e a inferior de terra castanha amarelada compacta.

Foram exumados poucos fragmentos cerâmicos, grosseiros e sem decoração.

### 3.2.5. Fossa 3

Esta estrutura aberta no saibro, a que demos a designação de fossa 3, é extremamente irregular e só com o alargamento da escavação foi possível determinar a sua forma. Foi também a que se revelou mais interessante relativamente ao enchimento. Junto da zona mais larga, que se estende para cima, durante a limpeza da camada vegetal e já em cima do saibro, encontrou-se um fragmento de um objecto em pedra polida e um fragmento de lâmina, em quartzo, com retoques.

Nessa zona da fossa, sob a camada vegetal, existia uma pequena estrutura, em pedra miúda e que, devido à chuva abundante, não pode ser desenhada. Quando foi possível retomar os trabalhos, já estava destruída.

Sob esta estrutura havia uma camada de areão grosso com vestígios de fogo e pequeninas pedras redondas provenientes da disjunção esferoidal do granito<sup>1</sup>. Foi possível recolher carvões,

---

<sup>1</sup> Informação prestada pelo Dr. Fernando Real, a quem agradecemos.

julgamos que em quantidade suficiente para permitir uma análise de C14.

Em toda a extensão da fossa foram recolhidos alguns fragmento cerâmicos grosseiros, dos quais só dois tinham decoração, de feitura manual, tal como a maioria dos que foram recolhidos nas outras fossas.

Um dos fragmentos decorados é muito pequeno. Tem cerca de 2,3 cm tanto de comprimento como de largura máximos. Tem decoração espatulada, muito ténue. O outro, com dimensões de 5 x 3,5 cm, é quase todo ocupado por um mamilo alongado, semelhante a outro recolhido na fossa 1.

A camada inferior do enchimento era constituída por terra compacta castanha amarelada.

### 3.2.6. Fossa 6

Esta fossa, situada no sector A, foi como já dissemos, detectada pela existência de um tufo de vegetação no terreno. Encontrava-se a cerca de 4 m para W/NW da fossa 1, e a 14 cm do corte do talude.

Foi integralmente escavada e revelou-se completamente estéril, visto não conter qualquer espólio. O seu enchimento era homogéneo, constituído por um só estrato de terra castanha acinzentada, bastante compacta e dura parecendo argamassa, o que dificulta a escavação. Tinha cerca de 1 m de diâmetro de 50 cm de profundidade.

### 3.3. Espólio

*Fossa 1 — total de fragmentos cerâmicos: 25*

	Sup.	C1	C2	C3	Total
Bordos	2				2
Fundos	1				1
Fragmentos decorados		1			1
Fragmentos lisos	9	10		2	21
<b>Total</b>	<b>12</b>	<b>11</b>		<b>2</b>	<b>25</b>

*Fossa 2 — total de fragmentos cerâmicos: 11*

	C1	C2	C3	C4	Total
Bordos	3				3
Fundos	1				1
Fragmentos lisos	4		3		7
<b>Total</b>	<b>8</b>		<b>3</b>		<b>11</b>

*Fossa 3— total de fragmentos cerâmicos: 20*

	Sup.	C1	C2	Total
Bordos	2			2
Fundos				
Fragmentos decorados			2	2
Fragmentos lisos	5	3	8	16
<b>Total</b>	<b>7</b>	<b>3</b>	<b>10</b>	<b>20</b>

Um dos fragmentos de bordo dá a forma inteira de um pequeno vaso.

Nesta fossa, além dos fragmentos cerâmicos, apareceram, também, à superfície, junto da parte mais larga, um fragmento de um objecto em pedra polida e um fragmento de uma lâmina em sílex.

*Fossa 4*

Aqui recolheu-se, apenas, um fragmento de asa, que pela sua textura, não parece ser pré-histórico.

*Fossa 5 — total de fragmentos cerâmicos: 12*

	Sup.	C1	Total
Bordos		2	2
Fundos		2	2
Fragmentos lisos	8	8	8
<b>Total</b>		<b>12</b>	<b>12</b>

*Fossa 6*

Esta fossa revelou-se completamente estéril.

**4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Os sítios arqueológicos de fossas abertas no saibro são conhecidas na Península Ibérica há muito tempo, nomeadamente no Norte de Portugal e Galiza e também na Meseta Oriental, Navarra e País Basco.

Já Martins Sarmento, em 1891, se referia a «poços funerários redondos», descobertos no

Monte de S. Paio de Vizela, Guimarães (SARMENTO, 1901: 9). Era, no entanto, escassa a informação disponível sobre este tipo de estação, visto não existirem estudos sistemáticos e comparativos. Inclusivamente, era, e ainda continua a ser problemática a caracterização de certas destas estruturas, uma vez que, em alguns casos, não há consenso quanto à sua finalidade. Enquanto para algumas não há dúvidas quanto à sua utilização como fossas e sepulturas de incineração ou inumação (DELIBES, 1978: 225-274 e JORGE *et alii*, 1980), para outros sítios é difícil reconhecer quando se trata de «silos» ou «lixadeiras» associadas a povoados (PALOL, 1963: 135-150). Em muitos casos, como no exemplar povoado da Bouçada Frade (Baião) não parece haver dúvida de que seriam silos (JORGE, 1988).

Nas últimas décadas têm-se estudado diversas estações deste tipo. Estudo comparativo dos espólios e análises de radiocarbono têm permitido integrá-las cronologicamente entre o Calcolítico e a Idade do Ferro.

Relativamente a Fontela, é difícil caracterizar o tipo de estação face à reduzida dimensão da área escavada e à pequena quantidade de espólio exumado. É possível que se trate de um povoado, cuja zona principal de ocupação tenha sido destruída durante os trabalhos de terraplanagem, no princípio dos anos sessenta, para a construção de uma casa e abertura dos respectivos acessos, ou que, eventualmente, ainda se encontre preservada na encosta do monte que se situa a W/SW da casa em construção. É de referir que a limpeza da camada vegetal aí efectuada, numa faixa de 2,5 m, não revelou qualquer espólio ou contorno superior de qualquer estrutura aberta no saibro.

Cronologicamente, julgo que podemos situar as fossas abertas no saibro de Fontela, na Idade do Bronze (provavelmente Bronze Final), dado o tipo de cerâmica exumada, com paralelos na Serra da Aboboreira.

Agradeço à Câmara Municipal de Castelo de Paiva todo o apoio prestado durante as escavações, nomeadamente a cedência do seu topógrafo, que executou o levantamento topográfico do sítio. Agradeço, ainda, aos desenhadores do S.R.A.Z.C., Sr José Augusto Dias e Dr. José Luís Madeira os desenhos do espólio e de campo.

*Ana Leite da Cunha*

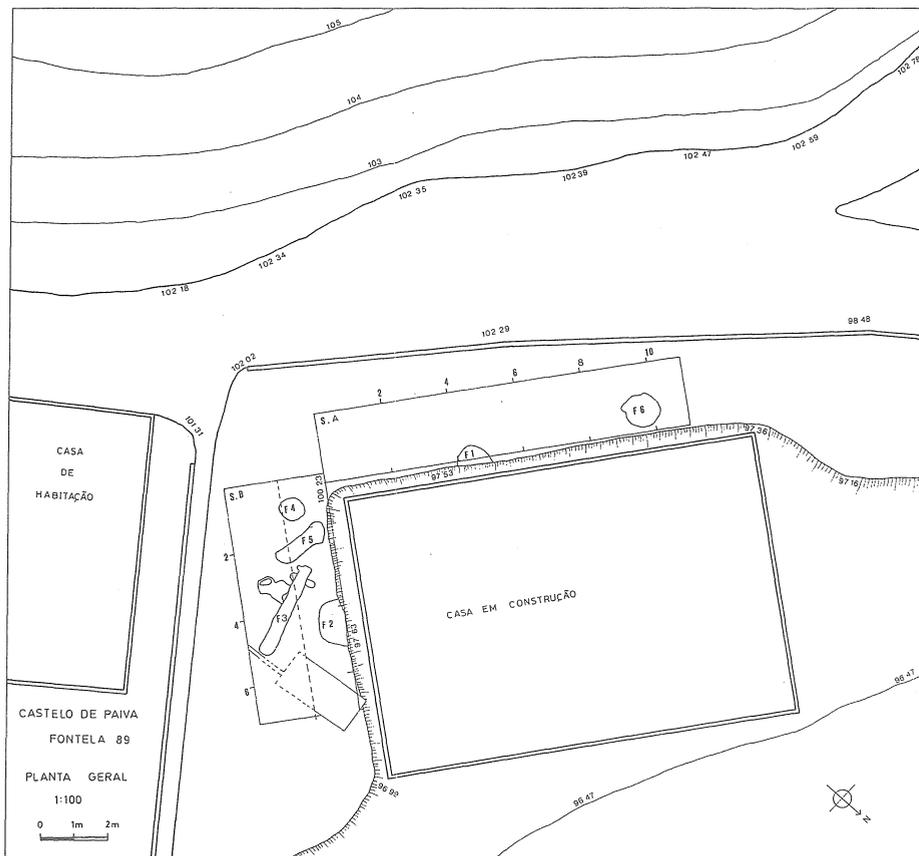
## BIBLIOGRAFIA

- DELIBES DE CASTRO, G., «Una inhumación triple de facies Cogotas I en San Román de la Hornija (Valladolid)», *Trabajos de Prehistoria*, 35, Madrid, 1978, pp. 225-250.
- GONÇALVES, A. A. H. B., «A estação pré-histórica de Monte Calvo — Baião — Notícia premilinar», *Arqueologia*, 3, Porto, 1981, pp. 77-87.
- GONÇALVES, A. A. H. B.; JORGE, S. E JORGE, V., «Fossas abertas no saibro, do concelho do Baião, I — Bouça do Frade e Tapado da Caldeira», *Trabalhos do Instituto de Antropologia*, 34, Porto, 1978.
- JORGE, S. O., «A necrópole de Tapado da Cadeira — Baião», *Arqueologia*, 2, Porto, 1980, pp. 36-44.
- JORGE, S. O., «Duas datas de C14 para a sepultura I da estação do Tapado da Cadeira (Baião)», *Arqueologia*, 8, Porto, 1983, pp. 55-56.
- JORGE, S. O., «O povoado da Bouça do Frade (Baião) — breve apontamento», *Arqueologia*, 17, Porto, 1988, pp. 134-137.
- JORGE, S. O., «O povoado da Bouça do Frade (Baião) no quadro do Bronze Final do Norte de Portugal», M.A. 2, GEAP, Porto, 1988.

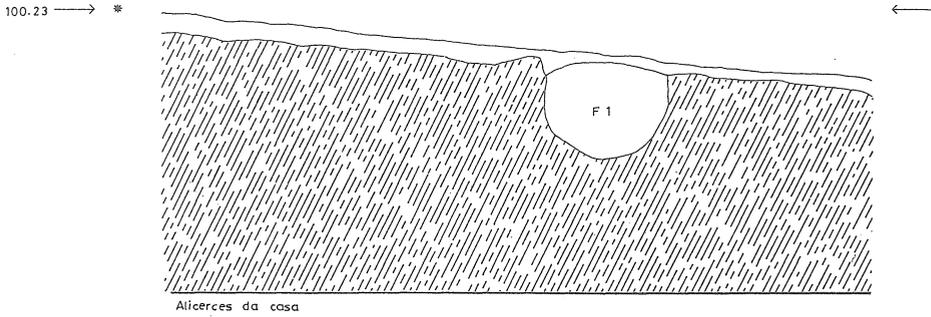
- JORGE, Susana O., «A sepultura II do Tapado da Caldeira (Concelho de Baião)», *Trabalhos do Instituto de Antropologia*, 41, Porto, 1980.
- JORGE, V. O. e MADEIRA, V., «Nótula sobre a fossa aberta no saibro de Outeiro de Gregos (Serra da Aboboreira)», *Arqueologia*, 1, Porto, 1980, pp. 19-24.
- JORGE, V. O.; GONÇALVES, A. A. HUET B e JORGE, Susana O., «As fossas ovóides abertas no saibro do concelho de Baião (distrito do Porto), e o seu significado no contexto da Arqueologia do Norte da Península Ibérica», *Actas do Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular*, I, Revista de Guimarães, 1980, pp. 133-144, 1 mapa.
- LHANOS, A. e AGORRETA, J.A., «Nuevas sepulturas de hoyos de incineración en Alava». *Estudios de Arqueologia Alavesa*, 5, Vitoria, 1972, pp. 99-112.
- LHANOS, A. e MEDRANO, D. F., «Necrópolis de hoyos de incineración en Alava». *Estudios de Arqueologia Alavesa*, 3, Vitoria, 1968, pp. 45-72, 2 estas.
- MARTIN BENITO, J. I. e JIMENEZ GONZÁLEZ, M. C., «Excavaciones arqueológicas en «El Teso del Cuerno» (Forfoleda, Salamanca, España) — (II)», *Arqueologia*, 20, Porto, 1989, pp. 76-89.
- MARTIN BENITO, J. I., «Excavaciones arqueológicas en «El Teso del Cuerno» (Forfoleda, Salamanca, España) — (Campaña Enero — Febrero de 1988)», *Arqueologia*, 18, Porto, 1988, pp. 131-156.
- SANCHES, M. J., «O povoado da Lavra (Marco de Canavezes)», *Arqueologia*, 17, Porto, 1988, pp. 125-133.
- SARMENTO, F. M., «Materiais para a Arqueologia do concelho de Guimarães», *Revista de Guimarães*, 18 (1-2), 1901, pp. 9.



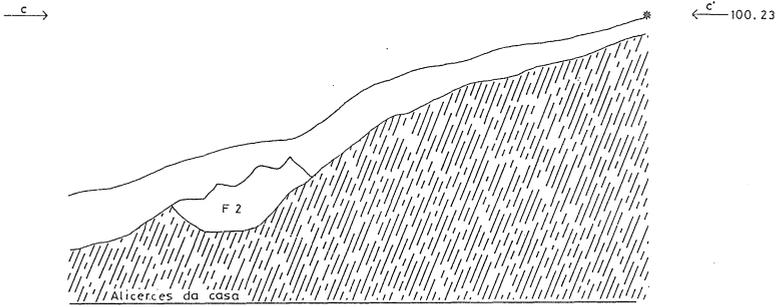
Localização da estação na Carta Militar (folha 135 – Cast<sup>o</sup> de Paiva) (reduz).  
Quadrícula de 1km de lado.



Planta geral da estação.



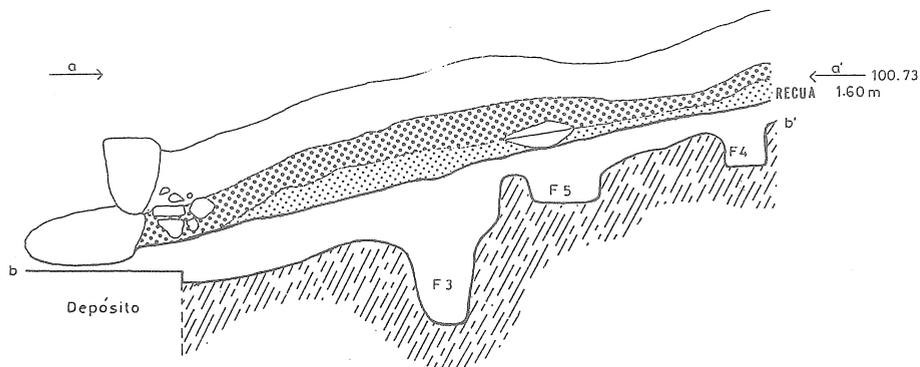
SECTOR A  
PAREDE SUDOESTE



SECTOR B  
PAREDE SUDESTE



Perfis de fossas cortadas pela terraplanagem, nos sectores A e B.

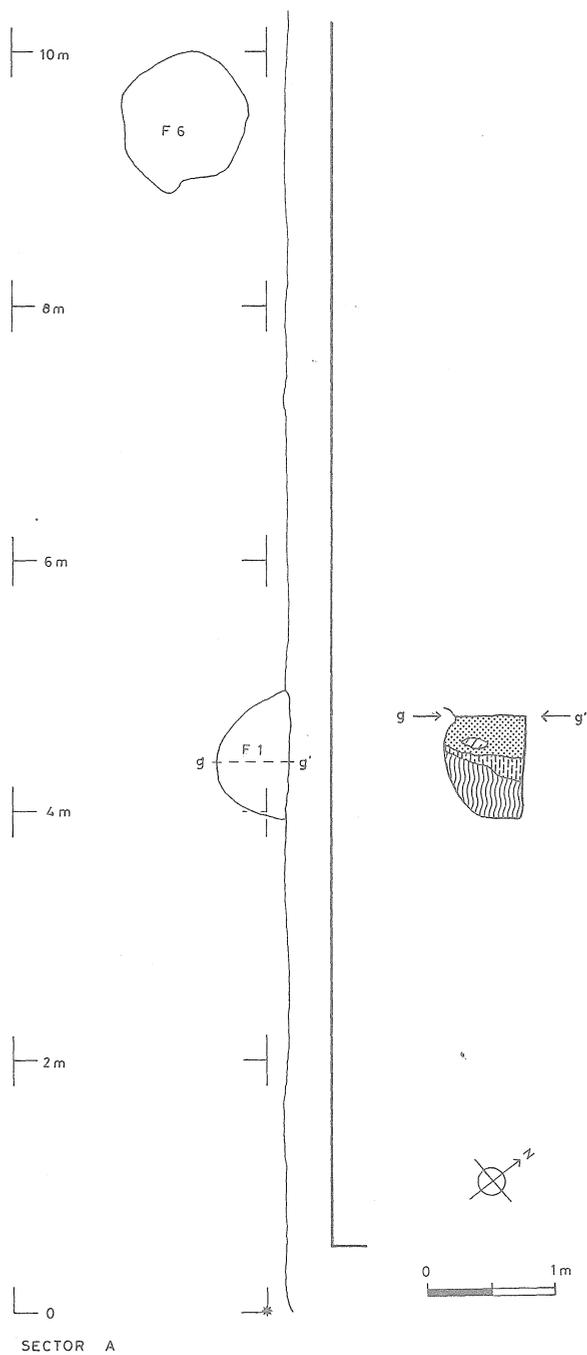


SECTOR B  
PAREDE SUDESTE  
CORTE E PERFIL SUDESTE

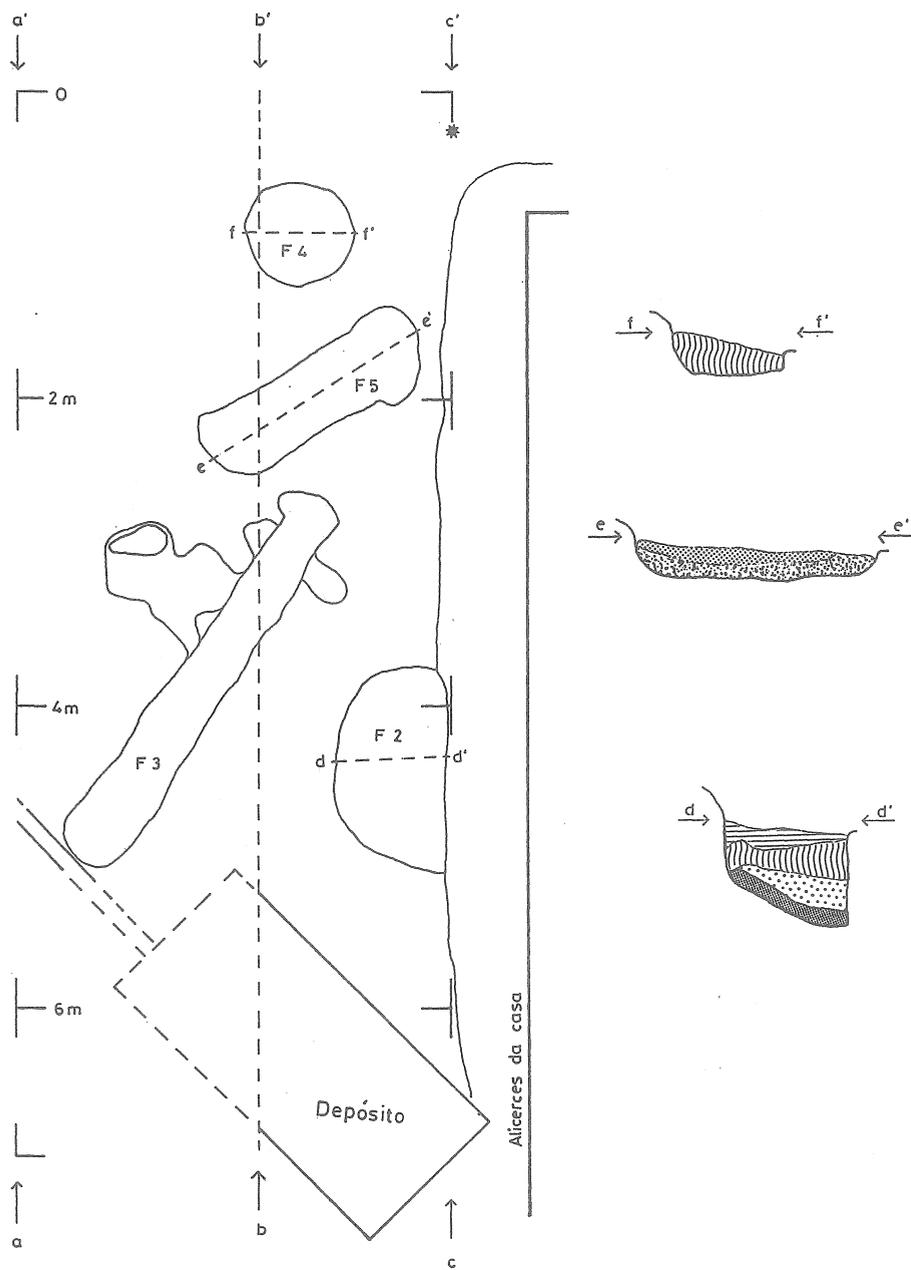


-  Terra Vegetal
-  Terra castanha escura com frag. de cerâmica actual
-  Terra amarela acastanhada saibrosa
-  Saibro

Sector B. Parede Sudeste. Corte e perfil sudeste.



Planta do sector A e corte da Fossa 1 (ver legenda na Est. VII).



SECTOR B

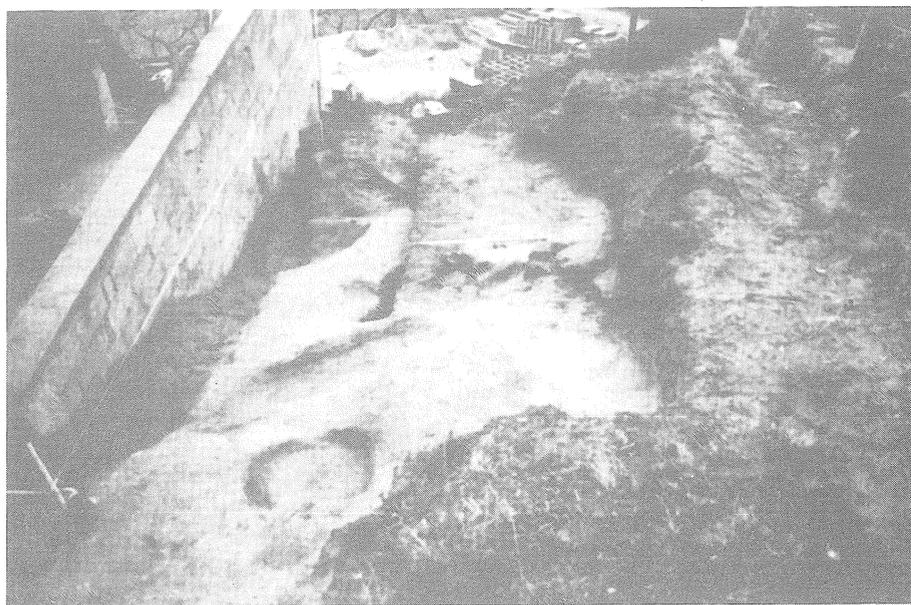
Planta do sector B e cortes das suas fossas (ver legenda na Est. VII).

-  Terra vegetal
-  Terra não muito compacta com algumas raízes
-  Terra compacta castanha amarela
-  Terra escura e fofa
-  Terra compacta c/ grãos de quartzo
-  Terra compacta
-  Terra castanha muito compacta

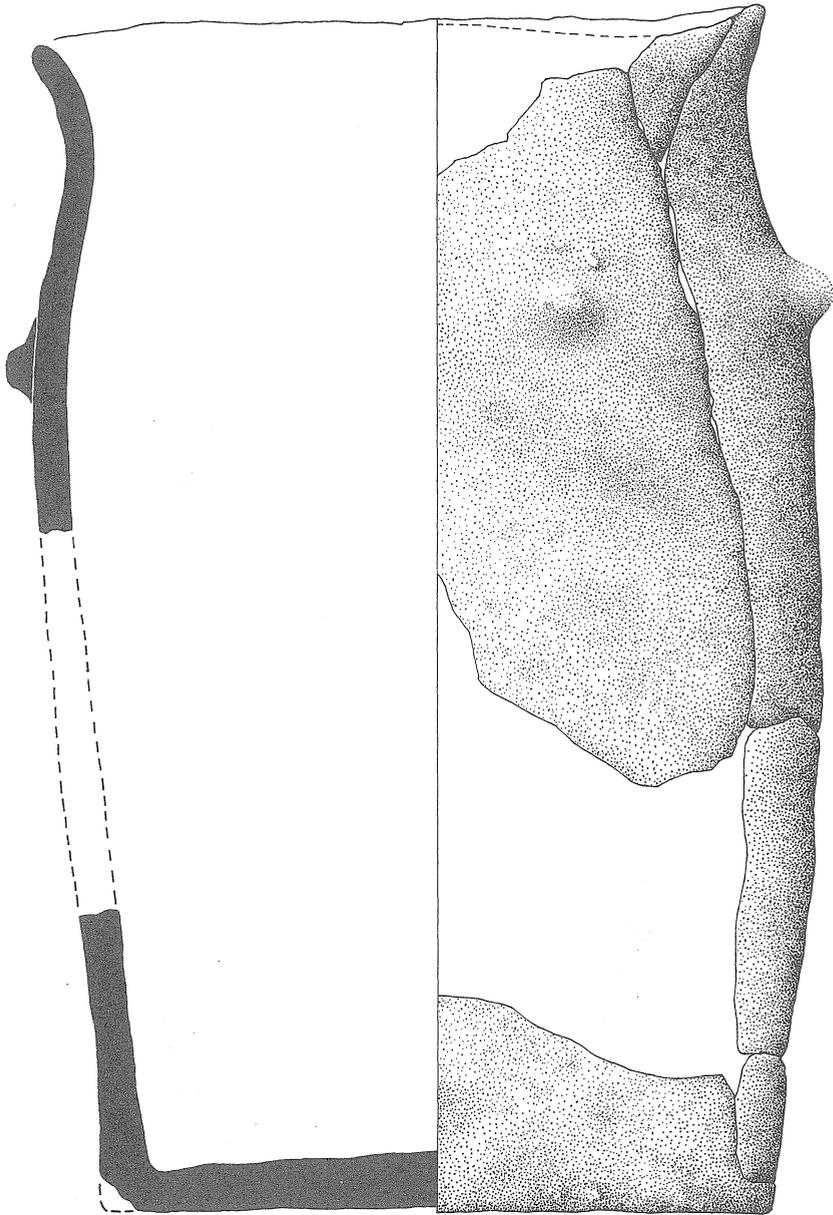
Legenda referente às Ests. V e VI.



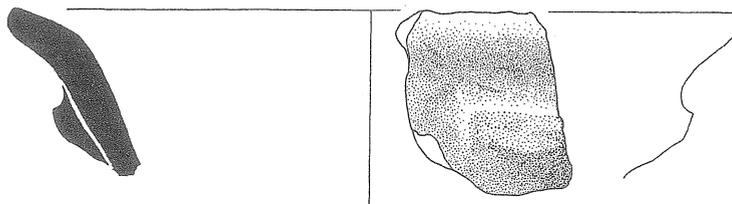
1 — Sector B, após a primeira fase de escavação.



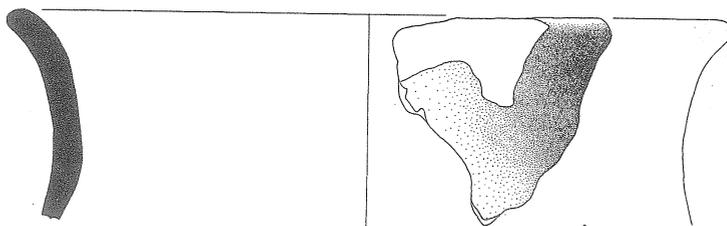
2 — Sector B na segunda fase de escavação.



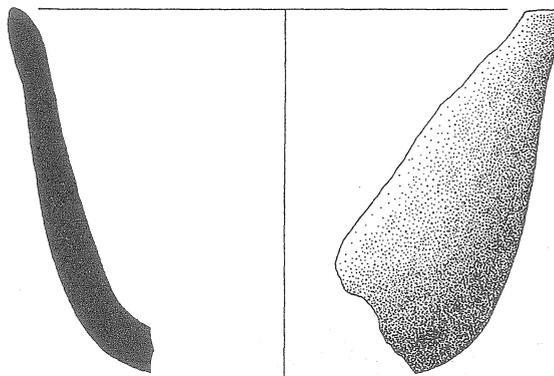
Vaso exumado na fossa 1 durante os trabalhos de terraplanagem.



FONT FEV / 89  
F2 - SUP.



FONT. FEV / 89  
F2 - SUP.



FONT FEV / 89  
SF 3

Vasos exumados: na fossa 2 (1 e 2) e sobre a fossa 3 (3)  
(reduzidos a 2/3 do original).